

CICLO DE QUALIFICAÇÃO DA PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA (PARAPEDAGOGIA)

Qualification Cycle of the Parapedagogic Praxis (Parapedagogy)

Hegrissom Carreira Alves

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar o conceito de *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*¹, abrindo um debate sobre o processo de qualificação permanente do professor de Conscienciologia nas diversas situações e sequências didáticas, paradidáticas, pedagógicas e parapedagógicas em que está envolvido em sua docência. Esse estudo é viabilizado através da compreensão e da anatomização das diferentes etapas, fases ou momentos que compõem a *práxis*. O conceito estudado é consequência direta da observação participante – e posteriores práticas do autor – de aulas lecionadas por professores com bom conhecimento do *corpus* de Conscienciologia, bom nível de parapsiquismo e experiência na interação com conscins e consciexes em sala de aula. Observou-se que a complexidade de uma aula de Conscienciologia – com base no paradigma consciencial – vai muito além do simples conteúdo e da didática exigidas pelas Ciências da Educação convencionais. Com essas observações, outros componentes constitutivos da aula puderam ser claramente visualizados. O artigo espera, assim, poder contribuir para a evolução docente de professores que se considerem *semperaprendentes*.
PALAVRAS-CHAVE: ciclo; qualificação; práxis parapedagógica.

ABSTRACT: *The aim of this article is to present the concept of Qualification Cycle of the Parapedagogic Praxis*², opening a debate about the process of continuous qualification of the Conscientiology instructor in diverse situations and didactic, paradidactic, pedagogic and parapedagogic sequences in which him/her is involved in his/her teaching. This study is possible through the understanding and anatomization of the different stages, phases or moments which compose their *praxis*. The concept here studied is the result of participant observation – and the author later practices – of classes taught by instructors with good knowledge of the Conscientiology corpus, good level of parasychism and experience on how to interact with intraphysical and extraphysical consciounesses in the classroom. It was observed that the complexity of a Conscientiology lesson – based on the Consciential Paradigm – goes further beyond a simple piece of content and the Didactics required by the conventional Education Sciences. With these observations in mind, other constituent

1 Este artigo retoma e atualiza o conceito do *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica* apresentado pela primeira vez pelo autor na palestra “*Professor: aglutinador de talentos evolutivos*” (ALVES, 2003), na II Jornada de Educação Conscienciológica, em 2003, em Brasília, DF, Brasil.

2 This article resumes and updates the concept of the Qualification Cycle of Parapedagogic Praxis presented for the first time by the author in his talk “*Instructor: an agglutinating agent of evolutionary talents*” (ALVES, 2003), at the 2nd Congress of Conscientiology Education, 2003, Brasilia, DF, Brazil.

components of a lesson could be clearly visualized. The article hopes, therefore, to be able to contribute for the teaching evolution of instructors who consider themselves to be everlasting learners.

KEYWORDS: cycle, qualification, parapedagogic praxis.

INTRODUÇÃO

Epicentro. O professor de Conscienciologia é o epicentro do processo ensino-aprendizagem-recuperação de cons.

Perguntas. Com base nessa premissa, podemos nos perguntar: O que é ser epicentro desse processo? O que forma esse processo? De que maneira ele se estrutura? De que modo podemos anatomizar esse processo? Que pontos são relevantes em cada uma de suas partes ou etapas? Qual a relevância desse conhecimento para o professor e a compreensão paraepistemológica da aula?

Conhecimento. A construção do conhecimento sobre a docência Conscienciológica se realiza através de nossa interação e compreensão sobre os fatos, para fatos, conceitos e para conceitos relacionados às aulas que lecionamos. O amplo contexto que abrange essa realidade configura-se como potencial objeto de estudo e autopesquisa para todos nós. Para conhecer de perto sua realidade docente, o professor precisa *ser sujeito-pensante* nesse processo: precisa *querer aprender* com sua própria práxis parapedagógica.

Objetivo. O *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica* trabalha, pois, com a anatomização, a compreensão e o aprimoramento da *performance* docente de um professor de Conscienciologia. Esse é o objetivo principal desse estudo.

PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA

Etimologia. A palavra *práxis* vem do idioma Grego, *prâksis*, “ação, atividade, realização, prática, ato de fazer”. Em Aristóteles (Ética a Nicômaco - III, 1112b 15), trata-se de uma ação na qual o agente, o ato e o resultado da ação são inseparáveis, ou seja, são partes que só existem em conjunto.

Transformação. A *práxis* é atitude consciencial de transformação da realidade que nos cerca. Não adianta apenas conhecer e interpretar o mundo (teoria): é preciso transformá-lo (práxis). Na *práxis*, teoria e prática são indissociáveis.

Característica. O adjetivo ‘parapedagógico’ qualifica e acrescenta à práxis a característica de ser esta uma atividade voltada ao fazer docente do professor de Conscienciologia.

Práxis parapedagógica. A *práxis parapedagógica* é a vivência, a atividade, o exercício, o ato lúcido, autoconsciente, contínuo, intencional, teático, exemplarista e crítico-reflexivo realizado pelo(a) professor(a) de Conscienciologia na atividade docente objetivando promover o esclarecimento, a reeducação e a autonomia de todas as consciências envolvidas no processo ensino-aprendizagem-recuperação de cons, além de qualificar a própria atividade em si (ALVES, 2013).

CICLO & QUALIFICAÇÃO

Dicionário. Segundo o dicionário Houaiss, ciclo é o conjunto de fatos, ações, obras que se sucedem no tempo e evoluem, marcando uma diferença entre o estágio inicial e o estágio conclusivo.

Continuidade. A formação ou qualificação docente é contínua e o professor precisa aprender a ‘fechar’ e ‘abrir’ novos ciclos, reciclando seus conteúdos conscienciais e sua metodologia de ensino com base nas reflexões do ciclo que acabara de ‘concluir’.

Definição. Podemos concluir então que *Ciclo* é o conjunto de fatos, parafatos, ações, situações, fenômenos e parafenômenos vinculados entre si, que se sucedem no tempo didático e paradidático na vida do professor com o objetivo específico de qualificar sua atuação docente.

Compreensão. Quando o *Ciclo* é realizado de maneira lúcida, os didaticopenses e a atuação do professor já não são mais os mesmos, pois nesse caminho de volta ao início do *Ciclo* as experiências e reflexões vivenciadas pelo docente modificam sua forma de se autoperceber e sua compreensão da realidade multidimensional que o cerca.

Diferença. O ideal nessa sucessão de experiências docentes é o professor chegar ao estágio final diferente de como pensava no início do *Ciclo*, para em seguida recomençar um novo ciclo de aprendizagem e reciclagem intraconsciencial, numa escalada evolutiva *ad infinitum* de espirais de ciclos evolutivos através da docência.

QUALIFICAÇÃO

Qualificação. A Qualificação é o ato ou efeito de qualificar, tornar alguém apto a, ajudar a desenvolver numa pessoa um conjunto de atributos que a habilitam ao exercício de uma atividade ou função específica (HOUAISS Eletrônico).

Pormenor. Quanto mais autoconsciente o professor estiver sobre os pormenores que envolvem sua docência, mais autoconfiante ele ficará e mais qualificada será sua assistência. Esse procedimento autoinvestigativo docente baseia-se no princípio do “pormenor epistemológico mediante o qual cada noção ou cada conceito torna-se objeto de estudo epistemológico profundo e detalhado” (VIEIRA, Verbete *Parepistemologia*, p. 9), fazendo com que o professor caminhe num *crescendo do conhecimento menor para o conhecimento maior*: maior conhecimento sobre sua docência conscienciológica.

Estudo. Além disso, conforme nos explica Vieira (2007, p. 139), *docência é forma; assistência é conteúdo*. Portanto, o estudo da forma docente (o Ciclo), através de seu detalhamento paraepistemológico, permite ao professor o uso do conteúdo (sua realidade intraconsciencial disponível) para realizar a assistência às consciências discentes ou ouvintes de sua aula.

CICLO DE QUALIFICAÇÃO DA PRÁXIS PARAPEDAGÓGICA

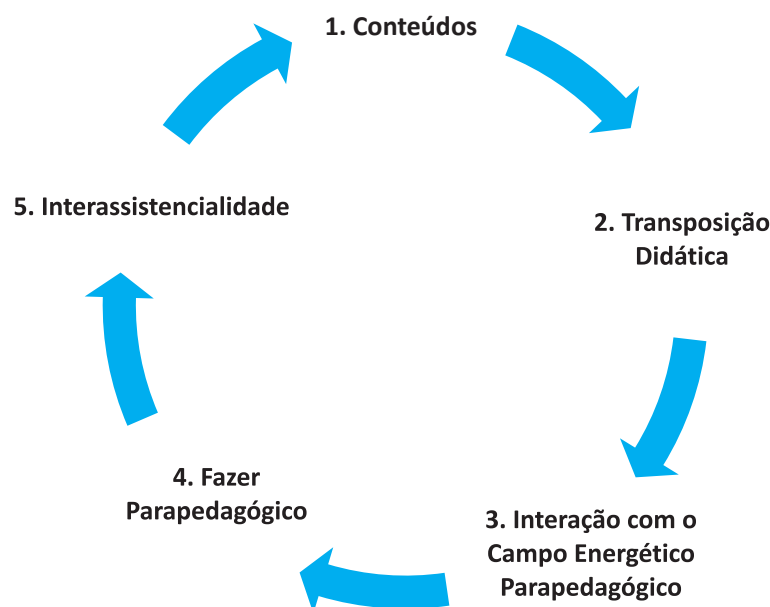
Definição. O *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica*, ou simplesmente *Ciclo*, é a anatomização, o estudo, a compreensão e a qualificação das diferentes partes ou etapas que compõem a práxis parapedagógica de um professor que apresenta bom conhecimento do *corpus* da Conscienciológica, seja polímata, parapsíquico, veterano e experiente no trato com conscins e consciexes em sala de aula.

Ideal. Essa descrição refere-se ao ideal de docência, uma referência que todos nós podemos e devemos buscar, pois já existem muitos professores de Conscienciológica que já atuam dessa forma na CCCI (Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional).

Etapas. Para melhor compreendermos a dinâmica dessa práxis parapedagógica dentro do *Ciclo*, podemos, didaticamente, anatomizá-la e estudá-la através das seguintes etapas, fases ou momentos: *conteúdos; transposição didática; interação com o campo energético parapedagógico; fazer parapedagógico; e interassistencialidade*.

Configuração. O Ciclo, portanto, configura-se da seguinte maneira:

Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica



Relevância. Dentro da dinâmica do *Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica* (a partir daqui, simplesmente *Ciclo*), cada etapa tem um papel e uma função específica e relevante em relação às outras. Por isso, é única, embora complementar em sua realização parapedagógica, pois pode se manifestar em qualquer momento da práxis. Podemos vislumbrar cada etapa comportando-se igual a uma minipeça do maximecanismo tarístico da práxis parapedagógica de um professor de Conscienciologia.

Anatomização. A anatomização do *Ciclo* tem objetivo didático, paradidático e pesquisístico, pois nos oferece a chance de estudar, compreender e analisar detalhadamente cada etapa dessa prática docente, o que nos fornece um campo de pesquisa ainda pouco explorado na neociência Parapedagogia.

Proposital. A palavra *etapa* é aqui usada propositadamente. Se visualizarmos o *Ciclo* como etapas que precisam ser trabalhadas, pensadas, elaboradas, reestruturadas, compreendidas, conquistadas uma a uma, cada uma de acordo com o momento evolutivo docente do participante em qualquer *programa para capacitação de professores de Conscienciologia*, podemos facilitar a compreensão de todos os professorandos e professores para que eles mesmos, através de uma reflexão-crítica sobre sua própria práxis, possam localizar exatamente que aspectos de suas aulas necessitam de aprimoramento e quais delas eles já dominam.

Sequência. Desse modo, podemos conceber o *Ciclo* como um processo cujas etapas, quando visualizadas e melhor compreendidas, conseguem ser trabalhadas individualmente e ao mesmo tempo em conjunto, numa sequência lógica, pelos que almejam dominar a práxis parapedagógica como um todo.

Complementação. Conforme quadro a seguir, cada etapa tem um objetivo, um foco e um tipo de interação característica, buscando respaldo teático em diferentes especialidades da Conscienciologia.

| | 1ª ETAPA | 2ª ETAPA | 3ª ETAPA | 4ª ETAPA | 5ª ETAPA |
|--------------------------|--|---|---|--|---|
| Nome | Conteúdos | Transposição Didática | Interação com o Campo Energético | Fazer Parapedagógico | Interassistencialidade |
| Objetivo | Estudar, aprender, refletir sobre os conteúdos a serem ensinados na aula | Transformar o saber científico em saber a ensinar em sala de aula, facilitando sua aquisição pelos alunos | Interagir lucidamente com o campo energético instalado em sala ou vinculado às consciências relacionadas à aula | Propiciar a realização do trabalho de parapreceptoria da equipex | Assistir às consciências em suas necessidades singulares |
| Especificidade | Erudiciologia | Didaticologia | Energossomatologia | Parapercepiologia | Interassistencialidade |
| Foco | Conhecimento Erudição Estudo Experiências Polimatia Reflexões | Didática Metodologia Oratória Pedagogia Técnicas Transposição didática | Acoplamento Assim Desassim Dinâmica do campo Interação energética Sinalética energética | Parapadagogia Paradidática Parametodologia Paratécnicas Transposição Paradidática | Amparalidade Desassédio Esclarecimento Interassistência Megafraternidade |
| Tipo de Interação | <i>Intraconsciencial:</i> Autodidaxia Autotares Autorreflexão | <i>Interconsciencial:</i> Conteudística (professor-assunto- -alunos) | <i>Energética:</i> Anímica Parapsíquica | <i>Multidimensional:</i> Da equipe extrafísica para o professor e as consciências presentes | <i>Interconsciencial:</i> Assistencial (professor com consciências pre- sentes e relacionadas a elas) |

Opções. Pela sua complexidade, as diferentes partes do *Ciclo* não precisam ser necessariamente trabalhadas na ordem apresentada. O docente pode optar por trabalhar a etapa que melhor lhe aprouver, desde que tenha consciência que elas se complementam e precisam atuar em conjunto para que a tarefa de ponta seja realizada.

Ideal. O ideal é o participante se conscientizar sobre quais das etapas ele realmente precisa desenvolver ou aprimorar, e trabalhar para superar os gargalos docentes apresentados. Nada impede, contudo, que o docente veja o *Ciclo* como um todo, cujas partes precisam ser trabalhadas de forma sequencial.

Importância. Independentemente da metodologia aplicada ao *Ciclo*, sabemos que as duas primeiras etapas, ou seja, os *conteúdos* e a *transposição didática*, são essenciais para que um professor ou professorando possa aperfeiçoar sua práxis parapedagógica, mas não são – importante mencionar – fatores impeditivos para fazermos assistência a outras consciências. Há pessoas que não têm o conhecimento proposto aqui e nem dominam técnicas de ensino e, no entanto, são altamente assistenciais. Mas não podemos esquecer que nosso objetivo é qualificar professores de Conscienciologia que conheçam as neociências, saibam informar, ler nas entrelinhas multidimensionais os tipos de interferências – positivas ou negativas – que ocorrem e finalmente utilizar desse conhecimento global para ensinar, esclarecer de modo pontual. Quanto mais qualificados estivermos, mais autoconscientes estaremos sobre os parafatos que se apresentam nos bastidores multidimensionais de nossas aulas, o que naturalmente nos capacita a fazer um esclarecimento mais afinado com as necessidades específicas de cada aluno ou aluna.

Lucidez. Quanto mais técnico e detalhista se tornar um professor, mais lucidez ele terá sobre os processos que fazem parte de sua interassistência multidimensional, evitando assim seguir de modo puramente instintivo e superficial. Daí a importância de anatomizar essas etapas.

Análise. Analisemos rapidamente cada uma delas:

1. CONTEÚDOS

Definição. *Conteúdos* é o conjunto de saberes formais e informais do(a) professor(a) de Conscienciologia.

Compreensão. O professor precisa de leitura, estudo, compreensão, reflexão e consolidação do corpo de conhecimentos trazidos pela Conscienciologia, suas especialidades e outras ciências e linhas do conhecimento humano. A teoria é essencial para que o professor possa fazer associações e conexões que lhe permitam recuperar cons e ampliar sua base mentalsomática para melhor compreender e assistir a si mesmo e a outras consciências. É pré-requisito para uma boa aula. Não podemos ensinar o que desconhecemos.

Cognição. Os *conteúdos* representam a cognição (saberes, experiências, reflexões, etc.) do professor de Conscienciologia a respeito do tema da aula.

2. TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Definição. A *transposição didática* é a seleção, organização, adequação, ensino e aprendizagem dos conteúdos de uma aula.

Disponibilização. Uma vez estudado e refletido sobre o conteúdo a ser ensinado, cabe agora ao professor pensar sobre a maneira mais adequada para disponibilizar esse conhecimento aos alunos. Essa adequação refere-se tanto ao **conteúdo** a ser ensinado (seleção dos tópicos)

quanto à **forma** (recursos didático-pedagógicos) – confor – de ensinar ou facilitar a aquisição ou recuperação de cons dos alunos. A transposição didática é um facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Exagero. Obviamente, não estamos sugerindo que o docente transforme sua aula num *show*, em que ele é o ator principal. Nosso objetivo é fazer com que o professor saiba que existem recursos que podem ajudá-lo a esclarecer seus alunos. A lista de recursos é infinita. Por exemplo, recortes de jornais e livros associados ao assunto da aula, analogias, esquemas, tabelas, desenhos, quadros comparativos, imagens, perguntas e dinâmicas interativas.

Professor. Importante pontuar que o maior recurso didático em sala de aula continua a ser o professor com suas experiências, reflexões e aprendizados. Nada supera esse recurso. O uso de técnicas e recursos exige conhecimento. Eis aí a importância dessa etapa na práxis parapedagógica de um professor de Conscienciologia. A prática da observação de aulas de Conscienciologia mostra que a maioria dos professores usa recursos didáticos intuitivamente, sem lucidez para o potencial desse material e de seu uso adequado.

3. INTERAÇÃO COM O CAMPO ENERGÉTICO PARAPEDAGÓGICO

Definição. A *interação com o campo* é a ação, percepção ou influência mútua entre dois ou mais campos energéticos instalados, consciente ou inconscientemente, pelo professor, equipe extrafísica e corpo discente.

Campo. O *campo energético parapedagógico* é o campo de energias instalado a partir do professor-epicon em suas atividades parapedagógicas para a realização da tarefa, em conjunto com as energias das consciências (conscins e/ou consciexes) presentes, conectadas e predispostas a participarem desse momento multidimensional.

Interação. Quando o *conteúdo* e a *transposição didática* não são mais fatores de preocupação para o professor, ele pode então buscar maior interação com o campo energético parapedagógico instalado em sala de aula, ampliando suas parapercepções relativas a este campo e aos pensenes das consciências presentes. Interagir com o campo é como abrir uma porta para a atuação direta dos amparadores através do *fazer parapedagógico*.

4. FAZER PARAPEDAGÓGICO

Parapreceptoría. O fazer parapedagógico caracteriza-se pela atuação da equipe extrafísica sobre o professor, alunos e consciências ligadas ao contexto multidimensional da aula. Trata-se de um tipo de exercício da docência extrafísica (parapreceptoría) sobre o professor e os alunos.

Conteúdo. Embora não seja o ideal para uma aula de Conscienciologia, o professor pode optar por um ensino puramente conteudístico, ou seja, aquele em que o centro da aula é o assunto, o tema, o conteúdo e não as consciências que ali estão.

Abordagem. A abordagem parapedagógica não é nem centrada no conteúdo, nem tampouco no professor, e sim na *interassistência às consciências* – sejam elas conscins ou consciexes – participantes.

Definição. O *fazer parapedagógico* é a realização de uma ação (*fazer*), no caso a ação dos amparadores (*parapedagógico*) sobre o professor e alunos, com o objetivo de fornecer informações que possam melhor ajudar a esclarecer essas consciências em suas necessidades específicas, singulares, únicas. Trata-se de interferência pensênica positiva e assistencial dos amparadores

sobre os professores e alunos, com o objetivo de trazer informações as quais geralmente não teríamos acesso se atuássemos só com uma visão intrafísica.

Didática. Não é que o *fazer parapedagógico* só aconteça depois que o professor ‘passa’ o conteúdo, usa técnicas e percebe o campo, nesta ordem. Pode acontecer em qualquer momento da aula, desde que haja predisposição das consciências envolvidas. A questão aqui é simplesmente didática.

Disponibilidade. Essa etapa tem a ver com predisposição, atitude e quietude conscienciais. É preciso que o professor esteja disponível, acessível aos amparadores. Por isso, estar tranquilo quanto ao conteúdo, à didática e à parapercepção do campo são pré-requisitos essenciais. Assim, ele poderá se disponibilizar para a interação com a equipe extrafísica.

Tácito. A autoconscientização multidimensional e o exercício da atenção e da reflexão sobre a ação parapedagógica durante as aulas ajudam o professor a compreender as informações recebidas. Inclusive ajudando-o a trazer à tona conhecimentos adquiridos em vidas passadas, um conhecimento tácito ainda pouco explorado.

5. INTERASSISTENCIALIDADE

Definição. A *interassistencialidade*, na aula de Conscienciologia, é a qualidade otimizada da interassistência tarística realizada pelo professor com base na vivência cosmoética de todas as etapas anteriores do *Ciclo*.

Precisão. Quando o professor sabe utilizar com discernimento as informações que possui e aquelas recebidas da equipex, as consciências em sala de aula, sejam elas conscins ou consciexes, são assistidas em suas necessidades reais e pontuais. Nem mais, nem menos. A assistência é cirúrgica, precisa, cosmoética e maxifraterna.

Discernimento. Informação sem discernimento pode atrapalhar mais do que ajudar na hora da assistência. Portanto, é importante que o professor, dentro de sua maturidade consciencial, saiba o que fazer com a informação recebida.

Miopia. Podemos dizer que a omissão/‘deficiência’ em não utilizar a informação otimizada seria um tipo de ‘miopia parapedagógica’, ou seja, uma inaptidão do professor em aproveitar a convergência de vários fatores promovidos pela equipex para assistir as consciências com as quais interage.

Reflexão. A *reflexão-na-ação*, em sala de aula, e *sobre a ação docente*, após a aula, ajudam o professor a compreender essas vivências parapedagógicas. O professor não consegue ampliar sua autolucidez e seu autodiscernimento se não se conscientizar das experiências que tem em sala. Esse procedimento auxilia os professores a aprimorar seus saberes docentes e sua autonomia parapedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relevância. Dentro da dinâmica do *Ciclo*, cada etapa tem um papel e uma função específica e relevante em relação às outras.

Única. Por isso, cada etapa é única, embora complementar em sua realização parapedagógica, pois pode se manifestar em qualquer momento da práxis. Podemos vislumbrar cada etapa dessas comportando-se igual a uma minipeça do maximecanismo tarístico da práxis parapedagógica de um professor de Conscienciologia.

Anatomização. A anatomização do *Ciclo* tem objetivo didático, paradidático e pesquisístico, pois nos oferece a oportunidade de estudar, compreender e analisar detalhadamente cada etapa dessa práxis docente, o que nos fornece um campo de pesquisa ainda pouco explorado na área da Parapedagogia.

Inter-relação. As diferentes etapas do *Ciclo* são peculiares e inter-relacionadas. Desempenham papéis específicos e complementares dentro da práxis parapedagógica. Na prática, uma aula ideal de Conscienciologia precisa contemplar todas as etapas do *Ciclo* para que uma assistência de alto nível seja realizada.

Reflexão. Um bom exercício para você – leitor ou leitora, seja professor, professorando ou que intenciona ser professor um dia – refletir sobre o Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica é listar 10 fatores, variáveis ou elementos que podem contribuir direta ou indiretamente para a:

1. formação dos *Conteúdos* apresentados em uma aula de Conscienciologia;
2. estruturação da *Transposição didática* de uma aula de Conscienciologia;
3. *interação energética com o campo* instalado ou relacionado a uma aula de Conscienciologia antes, durante ou depois desta;
4. ocorrência do *Fazer parapedagógico* antes, durante ou depois de uma aula de Conscienciologia;
5. realização da *Interassistência* às consciências ligadas a uma aula de Conscienciologia.

Ampliação. Esse exercício dá a você a oportunidade de ampliar sua visão e compreensão do que seja o Ciclo. Experimente, reflita e tire suas conclusões pessoais.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. ALVES, Hegrison. Professor – Aglutinador de Talentos Evolutivos. In: *Anais da II Jornada de Educação Conscienciológica*. Rio de Janeiro, RJ: IIPC, 2003, p. 23-30.
2. _____. Verbete: *Práxis Parapedagógica*. Enciclopédia da Conscienciologia. Março de 2013. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2342&&Itemid=13>. Acesso em: 09.07.2013.
3. HOUAISS Eletrônico. Instituto Antonio Houaiss. CD ROM. 2009.
4. VIEIRA, Waldo. *Enciclopédia da Conscienciologia*. Disponível em: <<http://www.encyclopediadaconscienciologia.org>> (Amigos da Enciclopédia). Acesso em: 09.07.2013.
5. _____. *Homo sapiens pacificus*. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) & Associação Internacional Editares, 2007.

Hegrison Carreira Alves é professor universitário com mestrado em Letras e voluntário da Conscienciologia desde 1996. Atualmente, coordena o Programa para Desenvolvimento de Professores de Conscienciologia na Reaprendentia. E-mail: hegrisson@gmail.com

